

Uma nova visão do campo

Ainor Lotério

Enquanto é alardeado por aí que a vida no campo está ficando cada vez mais difícil, ousamos falar em uma visão alentadora dele.

No campo moram inúmeras oportunidades de trabalho e renda. Lá há espaço e possibilidades cada vez maiores de produzir com qualidade e buscar a diferenciação. Apenas o novo agricultor, o agricultor da nova era, deve se portar como um profissional autêntico, buscando cada vez mais o aperfeiçoamento consciente e o domínio do seu negócio. É sabido que a dependência financeira, assim como a dependência de conhecimentos, são fatores desastrosos em certos momentos de um empreendimento.

Destarte, para empreender no campo o agricultor tem que possuir uma visão especial e espacial da sua propriedade, situando-a numa visão global.

O campo não é coisa pequena, inferior, tosca ou rústica. O campo é o lugar das sensibilidades, da produção, da produtividade, de pessoas felizes, bem sucedidas e inteligentes também.

Quando compreendermos que as cidades surgiram e se edificaram a partir da retirada das energias e de materiais do campo, então estaremos compreendendo a interdependência campo-cidade. Neste sentido, dá para perceber que o desenvolvimento deve ser harmônico e não conflitante.

De nada resolve querermos olhar apenas para o urbano e esquecermos o rural. Sempre que uma área estiver desprestigiada a outra vai sofrer a descarga dos seus problemas, principalmente, sociais.

A visão que temos do campo nas terras catarinenses é de um espaço com uma boa estratificação de propriedades, quando comparado com o território nacional. Das 203 mil propriedades rurais (até bem pouco tempo era falava-se em 240 mil proprie-

dades), aproximadamente 90% são de agricultores familiares. Agricultores que lá estão produzindo, trabalhando em conjunto com seus filhos e filhas.

Uma nova visão do campo vai nos remeter a uma reflexão, vai requerer de nós um direcionamento sobre o desafio dos novos padrões sucessórios nas propriedades.

Hoje, as terras dos pequenos agricultores já não podem mais ser divididas entre três ou quatro filhos. Resta ao produtor, dessa forma, adquirir novas glebas de terra para os filhos que quiserem continuar produzindo.

De outra parte, vale mais para a sociedade investir num pedaço de terra para transformá-lo em uma propriedade produtiva do que deixar os seres humanos, cidadãos do campo, virem para as cidades, na maioria das vezes despreparados e sem mercado de trabalho, penar nas periferias.

“Se o campo não planta a cidade não janta!” Esta é uma frase das muitas sábias que já ouvimos de agricultores nas lides do campo. Ela serve para refletirmos sobre a importância que o campo exerceu e exerce sobre os destinos e a expansão das cidades. Quando falamos de êxodo rural, as pessoas imaginam que ele é um mal para o campo. Na verdade, o êxodo rural é um mal maior para as cidades, na medida em que acontece o inchaço das periferias, criando novas necessidades ou demandas por serviços públicos, com o saneamento básico, infraestrutura viária, saúde, energia elétrica, água tratada, escolas, entre tantas outras necessidades que vão surgindo. Se tivessem mais consciência dos reflexos negativos que isso traz sobre as cidades, todas as administrações e, por conseguinte, todas as políticas públicas primariam pelo apoio ao homem do campo. O êxodo rural apenas deixa o campo com menos população, mas não é ele o responsável pela queda na qualidade de vida. Pelo contrário, a queda na qualidade de vida, a falta de lazer, a carência de serviços públicos que atendam bem as famílias que lá vivem, bem como as dificuldades relacionadas principalmente com a obtenção de recursos para investimentos, e a falta de organização dos produtores para a comercialização

(mercado) é que fazem o homem do campo desistir de lá.

A agricultura é o melhor setor do mundo, uma vez que ela oferece um espaço saudável para vivermos, condições para produzirmos comercialmente e para a subsistência. Para que isto aconteça, basta que saibamos aproveitar e apoiar com firmeza o potencial que lá existe.

Não bastassem tantas vantagens que adornam e valorizam naturalmente o campo, atualmente os investimentos em turismo ecológico-rural, turismo de interior, agroturismo ou agroecoturismo estão se tornando cada vez mais vantajosos. E o cenário catarinense, com um caldo de cultura dos mais diversificados, é propício para o desenvolvimento de atividades agregadoras de valor a propriedades como estas. O campo é um lugar ótimo para vivermos, especialmente quando há amor pelo que fazemos. Para essa visão se tornar cada vez mais uma realidade, o agricultor deve entender que ele é o principal agente do seu desenvolvimento, buscando apenas um complemento nas políticas para bem desenvolver o seu negócio e gerar felicidade para a família.

A nova visão do campo envolve um novo olhar das lideranças das cidades e uma nova visão por parte de todos os envolvidos no espaço rural.

Ainor Lotério, eng. agr., Cart. Prof. 51 028524-3/D, Crea-SC, diretor da Epagri e Gestor Estadual do Pró-Jovem/SDA, C.P. 502, 88034-901 Florianópolis, SC, fone: (048) 239-5500, fax: (048) 239-5597.

O melo ambiente e a cultura dos povos

Geraldo Buogo

Estudiosos do assunto dizem que em culturas tradicionais do mundo inteiro é encontrada a imagem da terra como uma mãe (“Mãe Terra, Mãe Natureza”) e o ser humano fazendo parte dela. Para essas culturas, a

terra era sagrada, seja porque era considerada a fonte da vida, seja porque recebia os mortos. Imaginava-se que ela exalava o sopro da vida que alimentava os seres vivos em sua superfície. Exemplo dessa visão é o que escreveu, em 1854, o chefe Seattle ao presidente dos Estados Unidos, diante da proposta de compra de grande parte de suas terras: "... O que ocorre com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo..."

Desde a antigüidade, as lendas, os mitos, as tradições das antigas civilizações e os poetas descreviam a natureza como uma mãe generosa: ela oferecia sua bondade, havia paz, fertilidade, os animais viviam satisfeitos, havia flores em todos os lugares, frutos em abundância, todos viviam em harmonia ... Era o que se chegou a denominar de "A Idade do Ouro". O poeta grego Ésquilo, há aproximadamente 2.500 anos, escreveu que a terra "... dá a vida a todas as coisas, sustenta-as e as recebe de novo em seu ventre..."

Em seu livro "O Renascimento da Natureza", Rupert Sheldrake diz que, durante muito tempo, essa suposta idade do ouro foi, por muitos, considerada lenda ou saída da imaginação de poetas. Entretanto, pesquisas arqueológicas apontam para cerca de sete mil anos a.C. as origens da agricultura estabelecida na Europa. Elas indicam que essas primeiras sociedades agrícolas viviam em colônias confortáveis, em geral não fortificadas, adorando deusas e fabricando cerâmicas (não armas). Entretanto, entre 4000 e 3500 a.C., invasores, com "deuses guerreiros", dominaram essas sociedades e destruíram o seu modo de vida. As deusas foram substituídas pelos deuses e as mulheres passaram a ser somente esposas e filhas.

Essa idéia do mundo natural como ser vivo e sagrado foi, gradativamente, perdendo força e, no século XVII, a natureza deixou de ser considerada mãe, deixou de ser considerada viva e passou a ser considerada "matéria

inanimada". Desde então, um número grande de pessoas (cultas) chegou a pensar que a natureza não tem vida, que o mundo seria uma "grande máquina". É o que alguns chamam de a teoria mecanicista da natureza, que, desde então, tem sido o pensamento central da ciência. Assim, a sociedade moderna passou a considerar a natureza uma simples fornecedora de "matéria-prima do desenvolvimento econômico".

Essa abordagem, se, de um lado, criou possibilidades inimagináveis há poucas décadas, de outro, alterou de tal modo as condições naturais que em vários lugares, atualmente, até o ato de respirar se tornou perigoso. Ela contribuiu para que se perdesse a consciência de que cada ser humano está ligado ao "Todo". Assim, ao se ver separado desse "Todo", o ser humano deixou de perceber que o que quer que fizesse à natureza, mais cedo ou mais tarde terminaria atingindo a si próprio.

Esse ver-se separado (eu em relação ao outro, eu versus natureza...) ainda é tão forte que, em eventos que abordam questões ambientais, muitas pessoas, diante de perguntas como "Onde está o meio ambiente?" ou "Onde está a natureza?", apontam para fora da sala onde estão, em direção aos seres vegetais e/ou animais que conseguem enxergar. Mais recentemente, muitas já apontam para si mesmas ou com uma das mãos apontam para fora, enquanto com a outra apontam para si mesmas.

Segundo um número cada vez maior de cientistas (os místicos sempre tiveram essa consciência), é nesse ver-se separado que se situaria a origem dos muitos males que se vivem atualmente. Para Albert Einstein, "O ser humano vivencia a si mesmo, seus pensamentos, como algo separado do resto do universo, numa espécie de ilusão ótica de sua consciência. E essa ilusão é uma espécie de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais, conceitos e ao afeto por pessoas mais próximas. Nossa principal tarefa é a de nos livrarmos dessa prisão, ampliando nosso ciclo de compaixão, para que ele abranja todos os seres vivos e toda a natureza em sua beleza..."

Assim, transformar-se é preciso! Deixar de ver-se separado é preciso! Sentir-se parte, sentir-se pertencente é preciso! Isso implica "respirar junto", "respirar com" ... "conspirar". Implica ser "conspirador". E conspirador é quem se transforma primeiro, sem esperar pelo outro. "A transformação é uma porta que se abre por dentro", diz um antigo provérbio francês. E essa transformação interna um dia precisa "sair para fora", passando, concretamente, do "consumir" para o "comungar" por caminhos que se irão descobrindo, pois, como diz o poeta, "el camino se hace al caminar".

No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos fez a uma tribo indígena a proposta de comprar grande parte de suas terras, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra "reserva".

O texto da resposta da carta do chefe Seattle ao Presidente dos Estados Unidos, distribuído pela ONU (Programa para o Meio Ambiente) e aqui publicado na íntegra, tem sido considerado, através dos tempos, um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos a respeito da defesa do meio ambiente:

"Como é que se pode comprar e vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?"

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência do meu povo. A selva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos. Os picos rochosos, os

Opinião

sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro e o homem – todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada e devem ensinar as suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimento e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saíam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra para ele tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos dos seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura do seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiro ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lu-

gar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater de asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro – o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu último suspiro. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada, como um lugar onde até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milho de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo, que sacrificamos somente para permanecer vivos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas, que a terra é

nossa mãe. Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se o homem cospe no solo, está cuspiendo em si mesmo.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Nem uma folha seca cai sem que tenha conseqüências eternas. Há uma ligação em tudo.

O que ocorre com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala com ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos – e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que o possuem, como diziam possuir a nossa terra; mas não é possível. Ele é o Deus do homem, e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminem suas camas, e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos.

Mas quando de sua desapareição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força de Deus que os trouxe a esta terra e por alguma razão especial lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnada do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruída por fios que falam. Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a água? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência.”

Geraldo Buogo, eng. agr., Instituto Cepa/SC, Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, C.P. 1.587, 88034-001 Florianópolis, SC, fone: (048) 239-3900, fax: (048) 334-2311.